

Pessoa e o totalitarismo

Antonio Sáez Delgado*

PESSOA, Fernando (2015). *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar*. Edição de José Barreto. Lisboa: Tinta-da-china, 431 pp. Coleção Pessoa.

Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar é um livro que são vários livros. Isto não significa que a colectânea que apresentamos inclua num único volume textos pertencentes a vários projectos pessoanos, a vários *livros* do autor. Pelo contrário, *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar* é um livro de uma interessante coerência argumental, no qual José Barreto reúne fragmentos pessoanos escritos em três línguas (português, inglês e francês) entre 1923 e 1935, ano da morte do escritor, e que tratam também de três temas fundamentais: o fascismo de Mussolini; a Ditadura Militar portuguesa (1926-1933); e Salazar, enquanto ministro das Finanças (1928-1932) e líder do governo do Estado Novo. Esse seria o primeiro livro contido neste livro, que conduz o leitor, genericamente, através das opiniões do autor de *Mensagem* sobre os governos e os governantes de estirpe autoritária surgidos na Europa, a partir do fascismo italiano, após a Grande Guerra, embora com papel secundário para líderes como Hitler ou Primo de Rivera. Assim, esta obra, que reúne mais de 120 fragmentos pessoanos desta natureza, pela primeira vez datados e ordenados cronologicamente pelo seu editor, já seria só por isso um livro extraordinário. Mas é muito mais do que isso.

Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar é também, em paralelo, um segundo livro. Um livro, neste caso, que leva o leitor através de um breve labirinto de tentações e de novas perspectivas. A primeira e mais nítida nova perspectiva: a leitura pormenorizada das mais de trezentas páginas que compõem o volume acaba por libertar-nos, creio que definitivamente, da tentação tantas vezes alinhavada em certos círculos académicos de ler Pessoa como um autor vinculado a determinadas formas de totalitarismo. O retrato ideológico apresentado por Pessoa pela mão de Barreto consegue afastar e dissipar essa tendência, que até contou com algum eco internacional, de querer fazer de Pessoa uma espécie proto-fascista, de um Pound, Kipling, Eliot, Marinetti ou Yeats à portuguesa. Mas há, ao mesmo tempo, uma segunda tentação implícita neste livro: é impossível chegar ao final das suas páginas sem ganhar, voluntariamente, a vontade de pensar que a dimensão do Fernando Pessoa ensaísta, de formação auto-didacta, não pára de crescer nos últimos anos, construindo uma imagem do autor que, dentro de uma ou duas décadas, será sem dúvida muito diferente daquela que chegou até nós não há ainda demasiados anos. Provavelmente, Pessoa nunca terá estudado em profundidade o fascismo, mas navegou pelos jornais portugueses, ingleses e

* Universidade de Évora - Centro de Estudos Comparatistas (FLUL).

franceses, à procura de informação, até construir uma linha de pensamento próprio, que evoluiu desde o radicalismo republicano da juventude ao nacionalismo liberal dos seus últimos tempos.

E há um terceiro livro neste *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar*. Trata-se, quanto a mim, talvez do mais interessante e sugestivo. É o livro que nos mostra a “cozinha ideológica” de Pessoa, que deambula por um trajecto que percorre o nacionalismo místico, o pensamento sobre a democracia e os limites do individualismo e uma singular visão sobre a sorte de “ditadura liberal” sobre a qual reflecte nos últimos meses de vida. E, misturados com estes conceitos, surgem outros caros ao escritor, como o sebastianismo, o elitismo, certo radicalismo político que vai desde o republicanismo radical de 1909-1910 até à apologia da monarquia absoluta, por volta de 1919-1920, o anti-catolicismo e o paganismo, a pátria e o império, o líder, a tirania e a liberdade. Todos eles aparecem nestas páginas que são, sobretudo, um diálogo múltiplo com Pessoa, uma radiografia crítica do seu tempo de vida e um retrato em movimento do seu pensamento fragmentado, que levou à criação do enigmático e muito sugestivo autor fictício (com base real) Giovanni B. Angioletti, utilizado para atacar Mussolini.

Tudo isto não seria possível, logicamente, sem o trabalho do editor deste volume, José Barreto, o qual, aliás, assina uma “Apresentação” exemplar em que, em quarenta páginas duma prosa transparente, traça, justifica e analisa, com tanto rigor como clareza, os aspectos mais importantes que o livro põe sobre a mesa, sendo plenamente consciente da tradição em que este volume se inscreve dentro dos estudos pessoanos. Uma tradição, sem dúvida, em que *Sobre o fascismo, a Ditadura Militar e Salazar* constitui já uma peça fundamental.